



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA  
DIRETÓRIO ACADÊMICO DE BIBLIOTECONOMIA  
**XIV Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e  
Gestão da informação**  
Os novos campos da profissão da informação na contemporaneidade  
16 a 22 de janeiro de 2011

## O BIBLIOTERAPÊUTA: a nova atuação do profissional bibliotecário<sup>1</sup>

Ageísa Clara Ferreira de Oliveira\*  
Ariely de Castro Sampaio\*  
Brenno Eltonn Campos Vieira\*  
Francisca das Chagas Dias Leite\*  
Jesselina Soares de Sena\*

### RESUMO

O bibliotecário da contemporaneidade é um profissional que atua não apenas como simples guardião da informação, mas como difusor e mediador do conhecimento. Devido às mudanças ocorridas no atual panorama socioeconômico brasileiro, percebe-se a ampliação do campo de trabalho do bibliotecário e neste processo evidencia-se a difusão da biblioterapia, que pode ser realizada em diferentes ambientes com a utilização da leitura como recurso terapêutico. Contudo, ressalta-se que somente a prática da leitura, sem o devido acompanhamento terapêutico, não pode traduzir-se em biblioterapia, uma vez que esta atividade ocorre necessariamente entre o indivíduo que está enfrentando problemas, seja físico, emocional ou social, e o profissional especializado que possui os recursos necessários para atuar nestes casos. A Biblioterapia surge como dinamização da atuação profissional do bibliotecário, focando o lado humanista da profissão. Diante do exposto, através de revisão de literatura cuja intenção é o método dedutivo, embasando-se em livros e artigos já produzidos acerca do assunto, objetiva-se mostrar a nova atuação do profissional bibliotecário, evidenciando a sua função e contribuição social como biblioterapêuta. Finalmente, de acordo com o que foi analisado ao longo desta pesquisa, constatamos que o biblioterapêuta é antes de tudo um bibliotecário com formação para promover a leitura enquanto um instrumento terapêutico, sendo, portanto, um profissional especializado que atua em diversos âmbitos da sociedade, interagindo em seu ambiente de trabalho com vários profissionais, tais como o psicólogo, o psicoterapeuta, e/ou o pedagogo.

Palavras-chave: Bibliotecário. Biblioterapêuta. Leitura. Biblioterapia.

---

<sup>1</sup> Trabalho científico de Biblioteconomia em modalidade oral apresentado ao GT 2 - Mercado de Trabalho e organização social e política do profissional da informação.

\* Universidade Estadual do Piauí – UESPI, graduada em biblioteconomia, [ageisa.clara@hotmail.com](mailto:ageisa.clara@hotmail.com); graduada em biblioteconomia, [sampaio\\_ariely@hotmail.com](mailto:sampaio_ariely@hotmail.com); graduado em biblioteconomia, [brennoeltonn@hotmail.com](mailto:brennoeltonn@hotmail.com); bibliotecária especialista em Gestão Educacional, [fczdzias@yahoo.com.br](mailto:fczdzias@yahoo.com.br); graduanda em biblioteconomia, [jesselina\\_soares@hotmail.com](mailto:jesselina_soares@hotmail.com).

# 1 INTRODUÇÃO

A integridade emocional de uma pessoa é de extrema importância para sua interação com a comunidade. Sentir-se acolhido, respeitado ou valorizado é inerente a qualquer indivíduo e todos estão em constante busca de forças para enfrentar as dificuldades da vida. No entanto, essa particularidade psicológica sofre abalos nos momentos de doenças, acidentes, ou abandono. Pacientes hospitalizados, órfãos, idosos em asilos duvidosos, são os principais grupos de pessoas que tem a integridade emocional afetada, pois estão em situações de fragilidade.

Sabemos ainda, que a literatura serve, de maneira lúdica, como fonte de reflexão, ensinamentos e lazer. Assim, aliada ao propósito de trazer conforto a pessoas em situação de risco, a biblioterapia surge como dinamização da atuação profissional do bibliotecário, com enfoque no lado humano. Para Caldin (2001, p.1) “a literatura possui a virtude de ser sedativa e curativa”. Desse modo, a promoção da leitura pode ser atribuída e exercida pelo bibliotecário, que coloca em prática o princípio básico da biblioterapia: ler um livro para apaziguar uma dor.

Porém, somente ler um livro não faz o biblioterapeuta. É preciso identificar a angústia do paciente/leitor para colocar em prática um melhor tratamento. Portanto, faz-se necessário um trabalho coadjuvante com profissionais da saúde mental, como psicólogos e psiquiatras, profissionais capacitados em lidar com aspectos sociais, como os assistentes sociais, e profissionais da educação, como pedagogos e o próprio bibliotecário.

Assim sendo, este estudo tem como justificativa a intenção de apontar o novo campo de trabalho para o profissional bibliotecário, dando ênfase ao lado humanístico da profissão, como objetivo principal de mostrar a nova atuação do profissional da informação. Contudo, a realização desse estudo conduz aos seguintes objetivos operacionais:

- Ressaltar o uso da leitura como recurso terapêutico;
- Evidenciar a função e contribuição social do bibliotecário como biblioterapeuta.

De acordo com o que foi analisado, através de revisão de literatura, a pesquisa se desenvolveu por meio do método dedutivo, embasando-se em livros e artigos já publicados sobre o tema. (GIL, 1991).

Para tanto, o trabalho consta de quatro capítulos, começando com esta introdução, para em seguida, no capítulo dois, revisar os aspectos históricos e conceituais da

biblioterapia. Por conseguinte, o capítulo três, evidencia o profissional bibliotecário como biblioterapeuta. Finaliza-se com a conclusão, onde, apresentam-se as reflexões e resultados obtidos no decorrer do estudo.

## **2 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DA BIBLIOTERAPIA**

A Biblioterapia destaca-se como um valioso recurso terapêutico, que por meio da leitura de textos literários permite alívio e conforto a doentes da alma. Pereira (1996) em pesquisas aponta Samuel Mechord Grothers como criador do termo Biblioterapia em 1916, em artigo publicado no *Atlantic Monthly*, existindo ainda impasses em relação à correta terminologia adotada. Pereira (1996) menciona ainda que inúmeros termos foram sugeridos e utilizados a fim de especificar a terapia por meio da leitura associada a outros elementos lúdicos, como Biblio-diagnóstico para avaliação, Bibliofilaxia como uso preventivo da leitura, Bibliogomia, Biblioconselho, Terapia Bibliotecária, Terapia de grupo tutelada e Literapia, dentre outros.

Apesar de ter sido utilizado desde 1815, o termo Biblioterapia só foi definido em 1941, no dicionário *Dorland's Illustrated Medical Dictionary*, como “o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais” (RUBIN, 1978 apud VASQUEZ, 1989, p. 34). Esta modalidade foi definida como um programa de atividades baseadas no processo interativo das pessoas que o experimentaram, onde o material impresso ou não impresso, imaginativo ou informativo, é experienciado e discutido com ajuda de um facilitador, ou seja, de um bibliotecário munido de habilidades interdisciplinares.

A biblioterapia é uma prática leitora que propicia a interpretação dos textos. Sendo que, conforme Ouaknin (1996, p. 200):

A biblioterapia é primariamente uma filosofia existencial e uma filosofia do livro, que sublinha que o homem é um ser dotado de uma relação com o livro. Dessa forma, essa relação com o livro – a leitura – permite ao homem compreender o texto e se compreender. O leitor, ao interpretar, passa a fazer parte do texto interpretado. A interpretação é a junção da explicação objetiva do texto e da sua compreensão subjetiva. A interpretação descobre um outro mundo, o mundo do texto, com as variações imaginativas que a literatura opera sobre o real. A biblioterapia, portanto, propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação dos textos.

Ratton (1975) esclarece que o primeiro dicionário não especializado a registrar e definir a palavra biblioterapia foi o *Webster's Third International Dictionary* em 1961, definindo-a como sendo o uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico

em medicina e psicologia e ainda como um guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida. Tal definição foi adotada posteriormente como oficial e legítima pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições dos Estados Unidos.

Para o dicionário *Random House* a biblioterapia é o uso da leitura como adjuvante na terapia. (PEREIRA, 1996). A biblioterapia é definida ainda como a arte de curar as enfermidades por meio da leitura e também de inúmeros instrumentos auxiliares de caráter lúdico. (BUONOCORE, 1976 apud PEREIRA, 1996).

De outro modo, Hasse (2004, p. 30) enuncia algumas definições sobre biblioterapia:

[...] pode ser definida como um processo de interação dinâmica entre a personalidade do leitor e literatura [...] interação que pode ser utilizada para avaliação, ajustamento e crescimento pessoal [...] é vista pela Correctional Service of Canadá como uma forma de dieta psicológica prescrita por meio da leitura de livros equivalente a uma prescrição médica. Essas leituras têm como objetivo favorecer o desenvolvimento da maturidade e sustentar a saúde mental [...] Para Riordan e Wilson é uma leitura dirigida para o ganho de entendimento ou solução de problemas relevantes às necessidades terapêuticas do paciente [...] Para Pardeck, é uma técnica para uma interação estruturada entre um facilitador e um participante baseada na participação mútua da leitura de um texto literário [...] Para Cohen, 1992 é o uso terapêutico da literatura com a condução ou intervenção de um terapeuta [...] Para Schlieter é um processo de interação dinâmica entre um indivíduo e a literatura através de um diálogo facilitado.

De acordo com Caldin (2001), a biblioterapia pode ser indicada como auxiliar no desenvolvimento e recuperação da saúde mental, pois permite que o leitor faça comparações de suas próprias emoções com as dos outros. Essa autora definiu biblioterapia como leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios. Neste processo, o homem não está mais solitário para resolver seus problemas; ele os partilha com seus semelhantes, em uma troca de experiências e valores.

Seitz (2005, p.158) salienta que:

A Biblioterapia é um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais de leitura, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento. Devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas. Os fatores importantes dessa atividade são: os relacionamentos estabelecidos, respostas e reações do paciente, a entrega do relatório ao médico para interpretação, avaliação e direção do acompanhamento.

Segundo Orsini (1982 apud CALDIN, 2001, p. 35), “a biblioterapia é uma técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais”. Com esta perspectiva ressalta-se neste momento a importância da biblioterapia como instrumento de interação entre as pessoas, refletindo habilidades, potencialidades, medos e anseios das mesmas.

O uso terapêutico da leitura e do livro remonta à antiguidade. Pereira (1996) menciona que os gregos defendiam que suas bibliotecas nada mais eram do que repositórios de medicamentos para o espírito, sendo que conforme essa autora, os romanos achavam que as orações poderiam ser lidas para os pacientes melhorarem sua saúde mental.

Segundo Caldin (2001), a biblioterapia é o uso da leitura de forma dirigida favorecendo a interação entre as pessoas. De acordo com a autora ora citada, a biblioterapia clássica admite a possibilidade de terapia por meio da leitura de textos literários. Neste processo, contempla a leitura de histórias e os comentários adicionais a ela. Propõe assim, práticas de leitura que proporcionem a interpretação do texto. O fundamento filosófico essencial da biblioterapia é a "identidade dinâmica". O processo de identificação do leitor/ouvinte vale-se da introjeção e da projeção. Para tanto, parte-se do pressuposto que toda experiência poética é catártica, e que a liberação da emoção produz uma reação de alívio da tensão e purifica a psique, com valor terapêutico.

Conforme Pintos (1999 apud HASSE, 2004, p. 30), a biblioterapia é a utilização terapêutica do livro: “[...] toda letra escrita, seja ela prosa, poesia, canções, aforismos, reflexões”.

De acordo com Götze (2004 apud PINTO, 2005, p. 40), o doente tira proveito terapêutico da leitura assim como de um medicamento. No intuito de abrandar a dor, tornou-se comum na Idade Média a leitura de textos sagrados durante as cirurgias.

Pereira (1996) argumenta que as experiências iniciais em biblioterapia foram realizadas por médicos norte-americanos na primeira metade do século XIX, os quais receitavam a seus pacientes psiquicamente enfermos a leitura e o livro minuciosamente selecionados e moldados às necessidades individuais, ou seja, de forma personalizada, servindo de suporte para a recuperação.

Por volta de 1904, a biblioterapia passa a ser considerada como um ramo da Biblioteconomia, sendo muito utilizada nas bibliotecas públicas e em bibliotecas hospitalares. Isso ocorreu, segundo Seitz (2005, p. 76), quando uma bibliotecária tornou-se chefe da biblioteca do hospital de Wanderley, Massachussets, iniciando um programa que envolvia os aspectos psiquiátricos da leitura.

De acordo com Pereira (1996) há indícios de que a biblioterapia teve um grande impulso durante a Primeira Guerra Mundial, quando bibliotecários e leigos, e a Cruz Vermelha, notadamente, ajudaram a construir rapidamente bibliotecas nos hospitais do exército. Com o término da Guerra, o Comitê dos veteranos de guerra dos Estados Unidos tornou-se responsável pelos hospitais, incluindo assim bibliotecas. A partir dessa época, a administração dos veteranos procurou mostrar um grande papel desempenhado pela biblioterapia nestes estabelecimentos.

Orsini (1982 apud PEREIRA, 1996, p. 40) salienta que a partir da década de 30 a biblioterapia passou a ser assunto de pesquisa científica, tendo um papel importante a biblioterapêutica Emma T. Foreman, que insistiu para que a técnica fosse vista e estudada como uma ciência e não como arte.

Louise Rosenblatt (1938 apud FERREIRA, 2003) indicou pela primeira vez os benefícios da biblioterapia, concluindo que o contato prolongado com as personalidades nos livros pode aumentar a compreensão social; permitir ao sujeito colocar-se no lugar de outra pessoa e sentir suas necessidades, sofrimentos e aspirações; ajudar o paciente na assimilação de padrões culturais, através do reconhecimento das atitudes e expectativas do seu grupo; liberar o sujeito de uma atitude provinciana pela ampliação da consciência quanto à formação adquirida na família e na comunidade.

Mesmo assim, a leitura como recurso terapêutico só foi discutida cientificamente em 1949 por Caroline Shrodes, em sua tese de doutorado: *Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study*, defendida na Universidade de Berkeley, Califórnia, Estados Unidos. Formando a base atual da atividade terapêutica por meio da leitura, por volta dos anos de 1950, a comprovação de Shrodes foi ratificada em cerca de 400 artigos publicados em periódicos científicos, percebendo-se aí a consolidação da biblioterapia. (CALDIN, 2001).

Após estudos relacionados à aplicabilidade da biblioterapia, Vasquez (1989) constatou que a prática da biblioterapia demonstrou resultados satisfatórios, tanto nos hospitais psiquiátricos como em outros tipos de instituição que necessitavam de serviços de biblioteca. Neste momento, a biblioterapia começa a se destacar não só como instrumento de alívio, conforto ou lazer para o paciente/leitor, mas também como um poderoso recurso para a construção do caráter e o desenvolvimento de valores. (HASSE, 2004).

Ainda com o impasse de que a biblioterapia seja arte ou ciência, no Brasil a mesma caminha vagarosamente. Apesar dos estudos realizados, pouco se sabe acerca do tema, dos campos de atuação, dos benefícios reais e dos métodos de aplicação. Dentre tantos trabalhos pesquisados acerca do tema, um destaca-se por ser pioneiro. Sendo, que este

desenvolvido no Brasil com deficientes visuais por Marília Pereira, realizou-se na cidade de João Pessoa na Paraíba e foi publicado em 1996. O mesmo trabalho abordou a preocupação com a especialização profissional do deficiente visual. O programa, segundo Caldin (2001), foi ministrado em bibliotecas públicas e obteve ótimos resultados.

Diante do exposto, através de revisão de literatura e do método de abordagem dedutivo, busca-se ainda mostrar a nova atuação do profissional bibliotecário, evidenciando a sua função e contribuição social como biblioterapeuta.

### **3 O BIBLIOTECÁRIO COMO BIBLIOTERAPÊUTA**

Apesar da visão tradicional do bibliotecário, como sendo apenas um profissional que preserva os materiais bibliográficos, muitas vezes ficando isolado em suas salas de catalogação, classificação e outras atividades técnicas, sua função tem mudado bastante no decorrer dos tempos. Assim como outras profissões, a Biblioteconomia foi atingida pelas mudanças que afetam a sociedade contemporânea. De acordo com Pinto (2005), estas mudanças estão relacionadas às grandes transformações que interferem significativamente na vida da sociedade atual, dentre elas, destacam-se, a globalização e as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC).

Atualmente, é exigida dos profissionais de todas as áreas uma preocupação social. E para tanto, dentre as várias atuações do bibliotecário, levando em consideração o seu papel humanista, está a atividade de biblioterapeuta.

Sabe-se que o bibliotecário possui competência diante das atividades técnicas, como administrador de centros de informação, e exerce papel de mediador entre a informação e o usuário. Porém, para que esse profissional tenha visibilidade aos olhos da sociedade, é necessário que ele próprio contribua para o bem estar social. Para que essa visibilidade aconteça o profissional bibliotecário pode atuar também como biblioterapeuta, promovendo o lado social da Biblioteconomia, alcançando essa expectativa de forma mais lúcida.

Segundo Santos (2007), é comum nos dias de hoje o sofrimento das pessoas por angústia, depressão e solidão, isso pode ocorrer devido ao distanciamento criado entre as pessoas pela tecnologia, ou até mesmo por estarem hospitalizadas. Enfim, existem vários problemas que necessitam de terapia. Santos (2007) explica também que as atividades de leitura podem contribuir para amenizar o conflito mental, social e emocional das pessoas, já exposto anteriormente, e o bibliotecário atuaria como mediador, escolhendo os materiais

adequados no processo de transferência da informação, observando, lógico, as necessidades específicas de cada um.

Pereira (1996) qualifica o profissional bibliotecário que faz uso da leitura terapêutica como biblioterapeuta e lista algumas qualidades ideais para atuação desse profissional, tais como: estabilidade emocional, controle de preconceitos, tolerância, objetividade, paciência, alegria, habilidade, poder de observação, flexibilidade, domínio dos próprios sentimentos. Para essa autora, o biblioterapeuta não é um anjo servindo aos desafortunados doentes, mas sim um instrutor profissional amadurecido, responsável, realizando competentemente uma tarefa importante.

Vários estudos confirmam a importância da biblioterapia na recuperação de pessoas debilitadas. Além de Santos (2007) e Pereira (1996), já citados, Caldin (2001) evidencia de forma bastante humanística a importância da terapia através da leitura para ajudar um paciente, e dentre os objetivos da biblioterapia, enuncia:

Permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para seu problema; auxiliar o leitor a verificar suas emoções em paralelo às emoções dos outros; ajudar o leitor a pensar na experiência vicária em termos humanos e não materiais; proporcionar informações necessárias para a solução dos problemas, e, encorajar o leitor a encarar sua situação de forma realista de forma a conduzir à ação.

Conforme Pintos (1992 apud PINTO, 2005), “a leitura terapêutica envolve aos poucos o indivíduo em um estado de meditação”, ao ponto dele compreender o conteúdo da mensagem.

Desse modo, podemos observar que a atuação do bibliotecário como biblioterapeuta é de grande relevância social, atendendo a um usuário que, além de conhecimento por meio de informações recebidas, ganharia também, através da leitura, melhoria de saúde e paz de espírito.

É importante ressaltar, no entanto, que somente a leitura, sem um acompanhamento terapêutico, não se traduz em biblioterapia, pois esta atividade é pautada no encontro entre o indivíduo que está enfrentando uma situação específica, que busca encontrar o sentido para a sua vida, e aquele que possibilita alguns recursos para a concretização deste intento, ou seja, o bibliotecário com formação terapêutica, o psicólogo, o psicoterapeuta, o psiquiatra, ou ainda o bibliotecário em uma atividade conjunta com estes profissionais. (PINTO, 2005, p. 40).



Como profetiza o conhecido bibliotecário indiano Ranganathan, em uma de suas cinco leis instituídas para a Biblioteconomia: todo leitor tem seu livro. Da mesma forma funciona o desenvolvimento da biblioterapia, onde os materiais são voltados para a necessidade específica de cada leitor.

Pinto (2005) defende que as concepções modernas acerca da leitura enfatizam que essa prática não pode ser entendida apenas como a decodificação de signos linguísticos, mas também como uma prática social que contemple a produção de sentidos, ou seja, não bastaria apenas a ação de ler, mas a escolha correta da informação para o leitor específico, onde o biblioterapeuta é o responsável para que ocorra a interação leitor x informação.

Kinney (1962 apud PEREIRA 1996, p. 35) lembra que “o biblioterapeuta é primeiramente um bibliotecário que vai mais adiante no campo da orientação da leitura e torna-se um profissional especializado”.

Apesar de não ser o nosso objetivo neste estudo, cabe enfatizar a necessidade das grades curriculares dos cursos de Biblioteconomia terem disciplinas voltadas para o trabalho social desta nova profissão, demonstrando as várias atuações existentes no atual mercado de trabalho para o profissional da informação. Outro fato relevante, para que isso ocorra, parte da importância de tornar o profissional capacitado, por exemplo, para atuar como biblioterapeuta, pois não é somente com uma simples leitura que o tratamento terapêutico será alcançado. Nesse sentido, Pereira (1996) reconhece a necessidade de novas disciplinas no currículo do futuro biblioterapeuta. Portanto, esse enfoque torna-se importante para que o profissional bibliotecário tenha capacidade para atuar como biblioterapeuta ampliando assim seu campo de atuação.

De acordo com o que foi analisado ao longo desta pesquisa, constatamos que o biblioterapeuta é antes de tudo um bibliotecário com formação para promover a leitura enquanto um instrumento terapêutico, sendo, portanto, um profissional especializado que atua em diversos âmbitos da sociedade, interagindo em seu ambiente de trabalho com vários profissionais, tais como o psicólogo, o psicoterapeuta, e/ou o pedagogo.

#### **4 CONCLUSÃO**

O uso terapêutico da leitura é um importante instrumento de transformação social na medida em que alcança o indivíduo fragilizado, abrindo-lhe as portas para a interação com a sociedade e aliviando suas próprias dores e angústias. O bibliotecário como biblioterapeuta, amplia seu campo de trabalho no momento em que domina a promoção da leitura e,

capacitado, consegue relacionar cada livro ao seu leitor e cada leitor ao seu livro, de tal forma que o conhecimento se expande e seu dever social se cumpre. Porém, sem nunca esquecer-se da união com outros profissionais (psicólogos, psicoterapeutas, pedagogos e outros), contribuindo para que a experiência profissional de todos possa, em conjunto, melhor servir a sociedade.

Diante do exposto, enfatiza-se que o assunto biblioterapia é bastante relevante, no entanto, ainda deve ser de fato implantado e difundido no Brasil, principalmente quando se trata da nova atuação do bibliotecário como biblioterapeuta, pois há uma necessidade de publicações sobre esse assunto. Assim sendo, cada vez mais, deve-se desenvolver e promover a prática da biblioterapia, realizando inúmeras pesquisas na área e, também, fortalecer a publicação dessas pesquisas, a fim de provocar discussões em torno do tema, favorecendo seu desenvolvimento e a sua aplicação como uma importante ferramenta terapêutica na promoção da saúde e do bem estar da sociedade.

## **THE LIBRARY-THERAPIST: the new role of the librarian**

### ABSTRACT

The librarian of contemporaneity is a professional who acts not as mere custodian of information, but as protector and mediator of knowledge. Due to changes in the current brazilian economic scenario, we see the expansion of the field work of the librarian in this process and highlights the spread of Bibliotherapy, which can be performed in different environments with the use of reading as a therapeutic resource. However, it is emphasized that only the practice of reading, without proper follow up treatment may not be reflected in Bibliotherapy, since this activity is necessarily one individual who is experiencing problems, whether physical, emotional or social, professional and specialized that has the resources necessary to act in these cases. The Bibliotherapy appears as boosting the performance of professional librarian, focusing on the humanistic side of the profession. Given the above, through a literature review whose purpose is the deductive method, basing themselves in books and articles produced on the subject, the objective is to show the new role of the librarian, emphasizing its role as library-therapist and social contribution. Finally, in agreement with what was discussed during the research, we found that the library-therapist is primarily a librarian with training to promote reading as a therapeutic tool, therefore, an expert professional who operates in various spheres of society, interacting in their work environment with various professionals such as psychologists, psychotherapists, and / or teacher.

Keywords: Librarian. Library-therapist. Reading. Bibliotherapy.

## REFERÊNCIAS

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia **R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, Brasil, n.12, p. 32-44, 2001.

\_\_\_\_\_. Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da Escola de educação básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 8-9, p. 10-16, 2003-2004. Disponível em: < <http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=11105>>. Acesso em: 25 dez. 2010.

HASSE, Margareth. **Biblioterapia como texto**: análise interpretativa do processo biblioterapêutico, 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Tuiuti, 2004. Disponível em: < [http://www.tede.utp.br/tde\\_busca/arquivo.php...=9](http://www.tede.utp.br/tde_busca/arquivo.php...=9)>. Acesso em: 25 dez. 2010.

FERREIRA, D. T. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/viewArticle/1809>>. Acesso em: 25 dez. 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

OAKNIN, Marcc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo, Loyola, 1996.

PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas. João Pessoa: Universitária, 1996.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transiforção**, Campinas, n. 17, jan./abr. 2005.

QUEIROZ, Márcio Pedro Carvalho Pataro de. “**A leitura na vida do indivíduo e sua função curadora nos anciãos do Abrigo do Salvador**”. Salvador, 2003. 55f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Instituto de Ciência da Informação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

RATTON, Ângela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, set. 1975. Disponível em: <http://biblioturma.objectis.net/Members/stela/revita-da-ecola-de-biblioteconomia-da-ufmg-1>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

RIBEIRO, Gizele. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 112-126, jan./jun. 2006. Disponível em: < <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/viewarticle.php?id=45&layout=abstract>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

SANTOS, Ana Alice Luz Oliveira. **Atuação do bibliotecário na biblioterapia**. Teresina, 2007. 42f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia). Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2007.

SEITZ, Eva M. Biblioterapia: uma experiência com paciente internado em clínica médica. **ETD: educação temática digital**, Campinas, v.1, n.1, p.73-85, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/issue/view/131>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

VASQUEZ, Maria do Socorro Azevedo Felix Fernandez. **Biblioterapia para idosos: um estudo de caso no lar da Providência “Carneiro da Cunha”**, 1989. 139f. Dissertação (Mestrado)—Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1989.